SURPREENDENTE!

MAURÍCIO GOMYDE

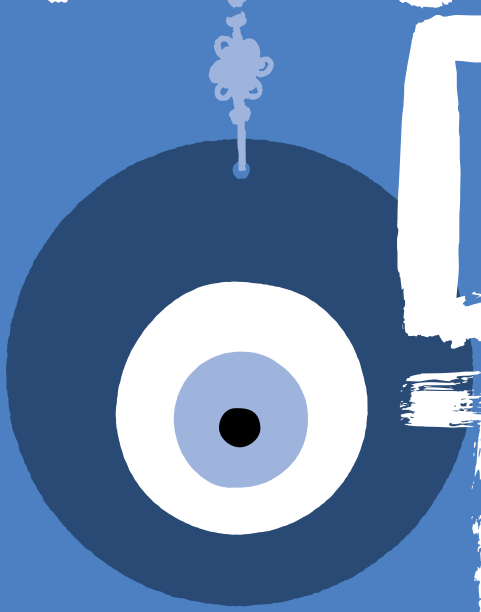
intrínseca

SURPREENDENTE!

MAURÍCIO GOMYDE

intrínseca

SURPREENDENTE!



MAURÍCIO GOMYDE

intrínseca

Copyright © 2015 by Maurício Gomyde

PREPARAÇÃO
Kathia Ferreira

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Vania Santiago

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Daniel Sansão / Contágio Criação

FOTO DO AUTOR
Leo Aversa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G611s

Gomyde, Maurício
Surpreendente! / Maurício Gomyde - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

272 p. ; 16 x 23 cm.
ISBN 978-85-8057-808-9

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-24976 CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

SE VOCÊ PASSAR TODA A VIDA SEM
FAZER ALGO EXCEPCIONAL POR ALGUÉM,
VIVER NÃO TERÁ VALIDO A PENA.

I

"NÃO EXISTE FIM,
NÃO EXISTE INÍCIO.
APENAS A INFINITA
PAIXÃO DA VIDA."

FEDERICO FELLINI

Interior do Brasil — Pirenópolis, Goiás

Pedro se livrou da segurança do mato, seguiu alguns metros, parou à beira do ponto mais alto da cachoeira e olhou em direção ao horizonte. Ao céu do cerrado brasileiro, carregado de nuvens espessas e cinza que emolduravam um quadro assustador, cabia a honra de testemunhar de um ângulo privilegiado a cena que se avizinhava. Com roupas encharcadas, braços abertos e câmera subaquática na mão direita, ele assumia a um só tempo os papéis de diretor, cameraman e ator, para registrar a *selfie* que eternizaria os últimos instantes de seu mais ambicioso projeto.

Fit chegou logo depois e parou, posicionado em terra firme. Apontou a câmera para o amigo, mantendo o silêncio de um profissional no set.

— SESSENTA METROS DE ALTURA, QUARENTA DE LARGURA! — Pedro gritou junto com o estouro das águas que castigavam rochas e árvores. Gargalhou de forma aterradora em direção à lente de sua câmera e seguiu gritando: — Eu não tenho medo! Não sou como vocês, COVARDES! Todos vocês, os desgraçados, com suas vidas perfeitas, os que sempre debocharam, deram risadas e estão pouco se lixando se eu nunca mais na vida vou ver isto aqui. Os que se julgam no direito de mentir, de fingir, de esconder a verdade mais básica. Fiquem com seu mundo de mentira, bando de covardes! Vocês venceram, porra, mas não teriam coragem de vir até aqui!

A água descia com fúria pelo paredão e se estatelava no poço, trazendo de volta o ronco ensurdecedor daquele monstro da natureza, mandíbula escancarada para devorar o animal prestes a descer por sua garganta. A poucos metros, última fronteira entre lucidez e irresponsabilidade absoluta, uma grande pedra enrugada e pontiaguda avançava em direção à queda. Pedro rastejou ao longo de sua extensão e, quase no limite, ficou de pé.

Cristal e Mayla chegaram correndo à beira da cachoeira. Um trovão espocou junto com o berro de Cristal:

— Volta, pelo amor de Deus!

— Pedro, não faz isso! — Mayla gritou.

— Fit, não para de filmar! — Pedro ordenou ao amigo. — Não para de filmar! Aconteça o que acontecer, não esqueça o nosso combinado.

— Pedro, não vai. Por favor! Pedroooo! — O grito saiu agudo, capaz de quebrar por dentro a própria Cristal. — Fit, você também está louco? Ajuda a gente!

Fit nem se mexeu. Parecia determinado a atender ao desejo do melhor amigo e captar aquele momento único, certamente hipnotizado pelo som, pela imagem cinematográfica, por um belo e perturbador enquadramento.

Pedro arrastou os pés pela pedra até os dedos ficarem no ar. Gritou, mais uma vez:

— COVARDES!!! — Arrancou do pescoço a corrente de ouro com o pingente do olho turco. Em seguida, tirou os óculos. Atirou os dois na cachoeira. Virou-se para Fit e jogou-lhe a pequena câmera. — Faça o que quiser com estas imagens.

Fit agarrou a câmera portátil, colocou-a no bolso e voltou a posicionar a câmera de alta definição na direção do amigo.

Então Pedro se virou mais uma vez para o penhasco e fechou os olhos.

1

São Paulo, cinquenta dias antes

A história do prodígio Will e do psicólogo Sean preenchia a tela do último cineclube da cidade, o lendário SubCultural. Os diálogos se sucediam para tentar chamar a atenção do casal de namorados que se beijava sem parar desde o início da projeção; extrair algum entusiasmo do senhor sentado na ponta da sétima e última fileira; prender o olhar da mulher de meia-idade, na poltrona do meio; e atrair a espectadora mais difícil daquela noite: a menina que ficava em pé, no fundo da sala, por dois ou três minutos, e em seguida saía por quinze ou vinte. Aparecia e desaparecia, reaparecia e sumia.

O filme *Gênio indomável* havia sido escolhido a dedo para aquela sessão. Era um tiro certeiro, uma trama que jamais falhava em provocar na audiência as emoções que os clássicos da sétima arte costumam provocar: desconforto, reflexão, êxtase. Ao menos era a aposta de Pedro, o curador especialista e mediador dos debates sobre cinema, a cada noite de terça-feira no subsolo do Café Cultural. Naquela sessão vazia, entretanto, parecia-lhe impossível sair vencedor.

Quando os créditos finais começaram a subir sobre a cena do velho carro vermelho em direção ao sol, ao som de uma triste melodia ressoando pelos alto-falantes, Pedro colocou os óculos de lente âmbar, acendeu as luzes e foi até a frente da tela.

— “Miss Misery”, composição de Elliott Smith. — Regeu com os indicadores, acompanhando o ritmo preguiçoso da canção. — Bela escolha para o fim deste filme, que, como eu disse antes da projeção, contém alguns dos meus diálogos favoritos do cinema.

Nenhum dos quatro espectadores esboçou reação. O casal de namorados se levantou, ainda aos beijos, e saiu da sala. Pedro fez uma concha com a mão sobre a testa e olhou para o senhor da última fileira.

— E o nosso amigo? Gostaria de fazer algum comentário hoje?

O homem de roupas simples e pele escura, que assistira a todas as sessões naquele ano, fez sinal de positivo com o dedo, aplaudiu duas vezes, levantou-se e subiu as escadas. Pedro não se surpreendeu. Ainda com a ajuda da concha da mão, procurou a menina que aparecia e desaparecia, mas ela estava na parte “desaparecida” da sequência. Então, a última espectadora ainda presente na sala, a senhora de meia-idade, levantou-se, jogou a bolsa no ombro e comentou:

— Bom, é isso.

— Opa! Temos uma opinião aqui no meio. — Pedro tentou resgatar, do iminente afogamento, o fio de entusiasmo que ainda mantinha sua cabeça fora d’água. Atropelou-a com perguntas sobre o filme: — O que a senhora achou dos diálogos? A menina vai aceitar o Will de volta? As provocações do psicólogo influíram nas reflexões do rapaz?

— Não sei... Eu... Dormi nesses pedaços.

— Qual deles?

— O do emprego e o do psicólogo.

— Mas são partes longas do filme e... — Os ombros caíram.

— Desculpa, meu jovem. Eu preciso ir — a senhora respondeu, virando-se e indo embora.

— Mas...

Pedro ficou sozinho na sala. Suspirou, desligou o projetor, abriu o *player* e retirou o DVD. Guardou-o na mochila e subiu a escada estreita até o térreo do café. Naquele início de noite, todas as mesas já estavam ocupadas por gente bebendo e falando alto, ao som do grupo

de samba contratado. Dirigiu-se ao balcão e devolveu a chave a Mayla, sobrinha da proprietária e responsável pelo caixa.

— Pouca gente hoje de novo, né? — Ela guardou a chave na primeira gaveta.

— Nenhuma novidade. Um casal de namorados se beijou durante o filme todo. Uma mulher dormiu. Aquele senhor de sempre mais uma vez não falou nada. Ah, e uma menina estranha assistiu a pedaços do filme.

— Qual era o de hoje?

— *Gênio indomável*.

Mayla levantou uma sobrancelha.

— Nunca ouviu falar? — Pedro emendou.

— Sou meio fraca pra lembrar nome de filme. Deve ter na internet. Assisto depois.

— Que decepção! Você é do tipo que pirateia?

— Todo mundo faz isso, não?

— Com essa grande colaboração da população, como é que nós, cineastas, vamos sobreviver? Isso é uma afronta ao trabalho árduo dos artistas! — O discurso começou inflamado e logo desanimou. — Não me espanta a dificuldade em trazer gente pro cineclube.

— Prometo tentar não piratear mais em consideração a você.

— Agradeço em nome da classe. E foi seu aniversário mês passado, não?

— Dezoito anos muito bem vividos. Agora é que a brincadeira vai começar.

— Bom, como não te dei presente algum, toma. — Pedro entregou a ela o DVD. — Depois reponho na minha coleção. Um mínimo de cultura neste fim de adolescência é minha contribuição pra sua vida. Larga um pouco as bobagens das redes sociais e aproveita pra convencer sua turma a ter mais consideração também com os pobres dos cineastas.

— Valeu! Deixa comigo, vou dar uma chamada nos meus grupos do WhatsApp. Duvido que não me xinguem, mas vou tentar. — Ela deu risada. — E quanto ao cineclube, boto fé que vai melhorar.

— Ando duvidando, mas vou manter a esperança enquanto a dona Rebeca não resolver transformar o cinema numa boate.

— Se o movimento aqui em cima estiver sempre bom, provavelmente ela nem vai se lembrar do cinema lá no subsolo.

— Preciso que ela continue acreditando na minha teoria de que o cinema, a música boa e a literatura são instrumentos da Santíssima Trindade para salvar o ser humano da derrota como espécie.

— Se essa teoria não começar a colocar dinheiro no caixa do Cultural, quem não vai se salvar é você.

— A dona Rebeca está por aqui? — Pedro correu o olhar ao longo do balcão.

— Minha tia passou mais cedo, não estava se sentindo bem.

— Se amanhã ela perguntar, não conte que só vieram cinco pessoas.

— Prometo te defender quando ela conferir a contabilidade. — Mayla cruzou os dedos indicador e médio da mão direita e os beijou. — Pega um pastelzinho de queijo aqui.

Ele pegou dois, ajeitou a mochila nas costas e os óculos sobre o nariz. Com a boca cheia, passou o peito por cima do balcão e deu um beijo no rosto de Mayla.

— Bom, deixa eu ir. Prometi ajudar meu pai lá no restaurante dele agora à noite. Um dos garçons ficou doente e hoje tem algumas reservas.

— Mas nem me contou como vai a produção do seu filme. — Mayla cruzou os braços e fez um bico.

— Ih, tá maravilhosa. Mas o artista nunca deve revelar os segredos. Aguarde e assistirá a uma obra-prima.

— Meu sonho é participar de um filme. Trocaria qualquer coisa pela chance de me ver na tela. E já falei, se precisar de umas ideias...

Ele estalou o dedo e apontou para ela.

— Pergunto para você, a menina mais criativa... De onde mesmo?

— De toda a região.

— Isso, a menina mais criativa da região.

Encostaram os punhos, Mayla sorriu e completou:

— Vai lá. Até terça que vem. E cuidado no trânsito.

Pedro saiu para o ponto de ônibus, serpenteando entre as mesas e assobiando o "Não deixe o samba morrer" que a turma cantava.

NO CINEMA, TUDO É POSSÍVEL. O IMPROVÁVEL DEPENDE APENAS DAS DECISÕES TOMADAS PELOS ROTEIRISTAS. PEDRO SABIA QUE A VIDA REAL ERA BEM DIFERENTE. ELE TERIA APENAS UMA CHANCE PARA REALIZAR SEU SONHO: PRODUZIR O FILME PERFEITO DURANTE UMA VIAGEM AMALUCADA COM SEUS MELHORES AMIGOS E COM A MENINA POR QUEM ESTAVA APAIXONADO. SEM ROTEIRO, ELE NEM SEQUER SABIA O QUE QUERIA DESCOBRIR NA ESTRADA. O MISTÉRIO EM TORNO DO SEU AMULETO – UM OLHO TURCO – PODIA SER PURA FANTASIA.

A ÚNICA CERTEZA DE PEDRO ERA QUE NA VIDA REAL OS MILAGRES DEFINITIVAMENTE NÃO ACONTECIAM.

ISBN 978-85-8057-808-9

9 788580 578089

www.intrinseca.com.br